

INTERDISCIPLINARIDADE E LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Dhienes Charla Ferreira (UENF)

dhienesch@hotmail.com

Rayane Kelli dos Reis Ferreira (IFF)

ray.kelli@hotmail.com

Vanessa Tharla dos Reis F. Belmont (ISECENSA)

vanessatharladrff@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

Partimos da premissa de que a interdisciplinaridade faz parte da natureza da linguagem. Desse modo, um ensino de língua materna que privilegie somente um aspecto fechado da língua desconsiderando seu uso, sua relação com a sociedade e com outras disciplinas não se sustenta. Isto acontece, pois esse ensino fundamenta-se no conhecimento fragmentado e descontextualizado da realidade do aluno. Entretanto, o conhecimento de outras disciplinas que direcionam para o estudo da língua se faz necessário. Assim, não basta ao professor do ensino de língua materna conhecer e ensinar somente a gramática tradicional. Neste sentido, o objetivo principal desse artigo é o de apresentar as contribuições da interdisciplinaridade para o ensino de língua materna. Acreditamos que a linguagem serve não só para comunicar, mas também para significar. Assim, a língua não é uma simples mediadora entre nosso pensamento e o mundo. Existem diversos fatores que fazem parte dessa dinâmica, e que vão além do sistema linguístico: as propriedades biológicas, as psíquicas, as interações humanas, a subjetividade da linguagem, dentre outros. Assim, não há como pensar no ensino de língua materna sem remeter-se aos pressupostos da prática pedagógica interdisciplinar.

Palavras-chave:

Interdisciplinaridade. Ensino de língua materna. Cognição. Linguagem.

1. Introdução

A interdisciplinaridade faz parte da natureza da linguagem. Desse modo, um ensino de língua materna que privilegie somente um aspecto fechado da língua desconsiderando seu uso e relações com a sociedade e outras disciplinas fundamenta-se no conhecimento fragmentado e descontextualizado da realidade do aluno.

Entretanto, não basta ao professor do ensino de língua materna conhecer e ensinar somente a gramática tradicional. O conhecimento de outras disciplinas que direcionam para o estudo da língua também se faz

necessário. Neste sentido o objetivo principal desse artigo é o de apresentar as contribuições da interdisciplinaridade para o ensino de língua materna.

Acreditamos que a linguagem serve não só para comunicar, mas também para significar. Assim, a língua não se é uma simples mediadora entre nosso pensamento e o mundo. Existem diversos fatores que fazem parte dessa dinâmica, e que vão além do sistema linguístico: as propriedades biológicas, as psíquicas, as interações humanas, a subjetividade da linguagem, dentre outros. Assim, não há como pensar no ensino de língua materna sem remeter-se aos pressupostos da prática pedagógica interdisciplinar.

Além desses aspectos introdutórios, esse artigo é constituído por mais três partes. Na primeira parte, apresentamos análises sucintas acerca da relação entre mundo social, linguagem verbal e cognição. E para isto buscamos aportes teóricos em Vigotsky (1998), Faraco (2012), dentre outros. Elucidamos que a linguagem não apenas para a comunicação, mas também é um importante contributo para a significação. Sendo assim, a língua é mais do que apenas um meio entre nosso pensamento e o mundo.

Já na segunda parte abordamos a Interdisciplinaridade como natureza da linguagem buscando fundamentos teóricos em Fiorin (2008). Expomos que, devido ao caráter heterogêneo, variável e multiforme da língua, ela está intimamente ligada com a interdisciplinaridade.

Posteriormente fazemos considerações sobre a contribuição da perspectiva interdisciplinar no ensino de língua materna. Com base nos aportes teóricos, discutimos da importância da perspectiva interdisciplinar, pois é nela que o aluno é levado a ampliar a sua compreensão de realidade. E através dos espaços criados pelos professores eles poderão perceber-se como participantes ativos da sociedade e serão capazes de entender a realidade de modo a ser comprometer com valores de democracia, solidariedade e desenvolvimento do pensamento crítico.

2. *Relação entre mundo social, linguagem verbal e cognição*

A linguagem é capacidade particular da espécie humana de através de signos se comunicar e produzir sentido, conforme Fiorin (2013, p. 13). O autor ainda menciona que, “no caso da linguagem verbal, ela deve ser aprendida sob a forma de uma língua, a fim de manifestar por meio

de atos de fala”. Isso porque, todo ser humano, a menos que tenha problemas psíquicos ou neurológicos, fala e é capaz de aprender línguas independentemente de sua escolaridade ou de sua condição social.

Com base nisso, Faraco (2012) revela que há uma relação de mútua dependência entre humanidade e linguagem verbal. Assim, a linguagem é o meio pelo qual o homem influencia e é influenciado, ou seja, ela é um instrumento de apreensão e intervenção da realidade social. Além disso, ela preenche a necessidade natural do ser humano que é a comunicação, modela seu pensamento, seus sentimentos, seus atos, permite ao indivíduo a possibilidade de falar sobre fatos memorizados que já aconteceram, falar sobre o planejamento do futuro e de episódios e objetos que não existem, dentre outras inúmeras capacidades. Em suma, conforme o autor, o ser humano vive através da mediação dos signos.

O autor ainda menciona o caráter complexo da linguagem verbal. Para ele, esse sistema é de extrema complexidade dada “sua organização interna, seu potencial expressivo, sua base neurológica, seu funcionamento social, sua variabilidade, sua história, seu domínio pelas crianças” (p. 26).

Corroborando essa ideia, Slama-Casacu (1961) citada em Cunha (2008, p. 1) caracteriza a linguagem como “um conjunto de complexos processos – resultado de certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social – que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer”.

Outra característica fundamental da linguagem verbal, apontada por Faraco (2012), é a sua particularidade infinita. Essa característica é baseada no fato de que criança, quando passa pelo processo espontâneo de não falantes para falantes, é capaz de entender, repetir e produzir enunciados novos. E a interação com os outros falantes será importante para esse desenvolvimento. É essa interação com os demais que nos constitui como pessoas.

Fiorin (2013, p. 81) aponta uma das propriedades da linguagem humana caracterizada pelo seu aspecto criativo ao mencionar que

Todos os falantes de uma língua, qualquer que seja ela, independentemente de seu grau de inteligência ou de instrução, têm a capacidade de produzir e compreender, sem esforço, um número muito grande e infinito de sentenças nunca antes ouvidas e até mesmo nunca antes produzidas.

Conforme os pressupostos propagados por Vygotsky e Piaget, a aprendizagem se acontece na interação entre o sujeito e a cultura em que

vive. Assim, nos processos cognitivos individuais existe um contexto que abarca informações particulares relacionadas ao aluno. E entre esse processo de aprendizagem podemos mencionar a existência de mediadores, que podem ser o professor, a escola, a sociedade, dentre outros.

Para Morato (2000, p. 151-152),

Pensar Vigotsky hoje em dia é pensar a historicidade radical da relação entre linguagem e cognição como forma de reação à maneira como a tradição ocidental tem pensado o sentido, isto é, em termos de uma não-linguagem, ou de um obstáculo epistemológico para se pensar a linguagem em sua relação com a cognição e com o mundo.

Dessa forma, fica bem clara a ideia de que a linguagem serve não só para comunicar, mas também para viver, ou seja, significar. Assim, a língua não se é um simples meio entre nosso pensamento e o mundo. Existem diversos fatores que dinamizam esta interação, que vão além do sistema linguístico: as propriedades biológicas, as psíquicas, as interações humanas, a subjetividade da linguagem, dentre outros.

3. *Interdisciplinaridade como natureza da linguagem*

Para Cunha (2008, p. 1) a língua consiste em um sistema pertencente a grupo de indivíduos que expressa sua coletividade, além de ser o meio pelo qual o indivíduo concebe e age sobre o mundo que o cerca. O autor, ao citar Slama-Casacu (1961), apresenta que “a língua é a criação, mas também o fundamento da linguagem”. Assim, a linguagem existe, manifesta-se e se desenvolve através do aprendizado e pela utilização de uma língua.

Castilho (2011, p. 11), salienta que existem três grandes modelos teóricos de interpretação da linguagem humana: I) a língua como atividade mental; II) a língua como uma estrutura; e III) a língua como atividade social. A primeira teoria concebe a língua como capacidade inata do homem e busca a gramática Universal, composta por sistema fixo de princípios e conjunto de parâmetros implícito em todas as línguas naturais.

A concepção de língua como estrutura afirma que para a efetivação da comunicação, é necessário que o código seja utilizado de modo semelhante e preestabelecido. Essa concepção, segundo o autor, é caracterizada na gramática descritiva que busca “identificar as regularidades constantes das cadeias de fala” (2011, p. 11). Além disso, as regularidades apontadas por essa gramática são de ordem descritiva e contextuali-

zam a língua em si mesma.

Essas duas primeiras teorias admitem a língua como fenômeno homogêneo e independente de suas condições de produção. Já a terceira, afirma que a língua, além de ser heterogênea, é enunciação. Assim, concebe a língua como um conjunto de usos concretos situados de forma histórica envolvendo um locutor e um interlocutor localizados em determinado espaço.

Esses participantes (locutor e interlocutor) interagem de acordo com um determinado tópico conversacional. Em suma, de acordo com essa concepção, o indivíduo não só traduz e exterioriza o pensamento, mas também realiza ações e interage com o interlocutor.

Vale ressaltar que a língua também possui o caráter de atribuir autenticidade e identidade a um grupo social. Arruda e Luquetti (2010) demonstram muito bem essa peculiaridade ao mencionar que “a língua de uma nação enfeixa o caráter de legitimação de um povo, das fronteiras onde ele vive, e também do caráter formador de sua identidade, bem como de toda a herança cultural que se instala na e pela língua” (p. 151).

Desse modo, a linguagem é múltipla e heterogênea permitindo a existências de diversas abordagens. Além disso, o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico, são condições de possibilidade de plena e efetiva participação social. E é devido ao seu caráter multiforme que podemos dizer que ela é capaz de dialogar com vários campos do saber: ciências humanas, exatas e biológicas. Neste sentido, concordamos com Fiorin (2008), ao mencionar que a interdisciplinaridade é da natureza da linguagem, pois além de estar em um lugar comum a todos nós, ela é a pertence a nossa vida.

A partir de 1960 a interdisciplinaridade afirma-se como um importante passo para possíveis explicações relacionados ao limite do conhecimento simplificador, dicotômico e disciplinar pertencente à ciência moderna.

Para Fiorin (2008), a interdisciplinaridade implica na interseção entre as disciplinas que se sobrepõem, se organizam, enfim, que buscam elementos em outras ciências. Assim, com essa combinação de áreas temos a transferência de conceitos teóricos e metodologias buscando a complementaridade e a convergência.

Fiorin (2008) destaca que “não deixamos de fazer linguística de

primeira linha para fazer sociologia de quinta ou antropologia de sexta. Fazer interdisciplinaridade é estar atento a pesquisas de outros campos para iluminar o nosso.” Assim, não podemos dizer que a relação da interdisciplinaridade e os estudos de linguagem consistem apenas na dissolução de estudos em outras disciplinas, mas sim em analisar o problema da linguagem no âmbito de outra ciência.

4. A perspectiva interdisciplinar no ensino de língua materna

Trabalhar com atividades integradas no ensino de língua materna consiste no encontro com as adversidades. Em relação ao ensino interdisciplinar, Fazenda (2001), apresenta alguns apontamentos importantes:

- A atitude interdisciplinar – é compreensão e vivência do movimento dialético;
- Parceria – baseia-se no diálogo entre diferentes atores e formas de conhecimento, trata-se de uma consolidação da intersubjetividade;
- Totalidade do conhecimento- respeito as especificidades, na forma de pensar com intenção, numa ação conjunta, baseada nos aspectos teórico-metodológicos que embasam o fazer pedagógico.

No ensino de língua materna o aluno precisa aprender sobre os diversos aspectos da heterogeneidade linguística. Posto isto, Fiorin (2013, p. 133) muito bem ressalta que “o papel da escola é dar a conhecer, ensinar a aprender, saber explicar”. Desta forma, a função da escola é ensinar aquilo que o aprendiz não conhece e não limitar-se ao trabalho fechado em um só aspecto.

Apesar disso, pouco se tem feito para um ensino de língua materna voltado para a perspectiva interdisciplinar. Em relação a este fato, Jaquiassu afirma que,

(...) o interdisciplinar constitui um motor de transformação capaz de restituir vida às nossas mais ou menos esclerosadas instituições de ensino. Para tanto, mil obstáculos (epistemológicos, institucionais, psicossociológicos, psicológicos, culturais etc.) precisam ser superados. [...] Todavia, o interdisciplinar deve responder a certas exigências: a criação de uma nova inteligência e de uma razão aberta, capazes de formar uma nova espécie de cientistas e de educadores, utilizando uma pedagogia nova etc. (1995, não paginado)

Para a efetiva realização do planejamento de uma atividade interdisciplinar, Fazenda (2001), afirma que é necessária junção de três aspectos: necessidade, intenção e cooperação. Esses aspectos que irão direcionar o planejamento devem considerar o desenvolvimento construção da cidadania e exercício da autonomia pessoal no aluno.

Na perspectiva interdisciplinar o aluno é levado a ampliar a sua compreensão de realidade, pois a partir dos espaços criados pelos professores eles poderão perceber-se como participantes ativos da sociedade e possam entender a realidade e se comprometendo com valores de democracia, solidariedade e desenvolvimento do pensamento crítico.

O primeiro passo para que as transformações significativas ocorram dentro da escola está na relação do ambiente escolar com o espaço social e democrático. Além disso, a educação vede ser comprometida com as dimensões globais da sociedade e que supere a visão do conhecimento fragmentado e descontextualizado do cotidiano. Desse modo, é válido na construção de um conhecimento significativo e contextualizado, que proporcione um constante diálogo entre as disciplinas, não se limitando somente a assimilação do saber.

E em relação a isso, Morin (2000; p. 3) afirma que,

O que existe entre as disciplinas é invisível e as conexões entre elas também são invisíveis. Mas isto não significa que seja necessário conhecer somente uma parte da realidade. É preciso ter uma visão capaz de situar o conjunto. É necessário dizer que não é a quantidade de informações, nem a sofisticação em Matemática que podem dar sozinhas um conhecimento pertinente, mas sim a capacidade de colocar o conhecimento no contexto.

Assim para que um ensino seja efetivo é necessário que aquilo que está sendo ensino esteja contextualizado com a realidade do aluno. E o que o autor chama de “conhecimento pertinente”, ou seja, o sentido que o discurso do professor terá para o aluno.

Nesta prática, o professor do ensino língua materna passa pelo processo de reconstrução e revisão de sua prática pedagógica constantemente em busca de novos horizontes no processo ensino-aprendizagem. Buscando o desenvolvimento da reflexão crítica e resgatando sua função enquanto formador de cidadãos competentes na atuar e interagir em suas ações de forma responsável.

Os desafios presentes no mundo globalizado possuem considerável complexidade e não podem ser encarados através de uma visão única das disciplinas. Como vivemos em uma sociedade em que imperam a he-

terogeneidade, o dialogismo, as mestiçagens, imigrações... podemos dizer que as fronteiras rígidas disciplinares entre os campos do saber são insuficientes para o processo de ensino aprendizagem.

Neste sentido, fica clara a urgente necessidade da renovação de práticas didáticas no ensino de língua materna. Essa necessidade surge através da crítica à concepção tradicional de ensino de língua presente nas escolas, baseado na visão inflexível e rígida da língua remetendo-se somente às regras presentes na gramática, excluindo o espaço para discussão da variação linguística. Além disso, Luquetti e Arruda (2010) salientam que

Ao longo dos anos, os professores foram formados a partir de uma visão restritiva e sem perspectivas de ampliações de saberes. Essa visão imposta através de sua formação, fez com que conceitos básicos da composição da sociedade brasileira fossem ignorados. Nesse sentido, houve a valorização de um currículo dominante, sem levar em consideração as demais culturas e a pluridiversidade que caracterizam a nossa sociedade. (2010, p. 157)

Assim, o ensino de língua materna nos últimos anos tem sido marcado pelo lugar central e exclusivo da gramática normativa baseando na concepção de certo ou errado. Isso gera graves consequências, pois essa forma de ensino “tende a reduzir linguagem ora a um conjunto de regras (a uma gramática); ora a um monumento (a um conjunto de expressões ditas corretas); ora a um mero instrumento de comunicação e expressão” (FARACO, p.90, 2012).

Esses princípios são de fundamental importância para a formação do professor, uma vez que interferem diretamente nas relações em sala de aula e na efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, concordamos com Luquetti e Arruda (2010, p.162) na afirmação de que “é imprescindível que nos cursos de formação de professor se coloquem essa questão em debate”.

Em relação ao conceito de educação linguística, Travaglia, citado em Vasconcelos (2009, p. 213), afirma que,

A educação linguística deve ser encarada como o conjunto de atividades de ensino/aprendizagem, formais ou informais, que levam uma pessoa a conhecer o maior número de recursos da sua língua e a ser capaz de usar tais recursos de maneira adequada para produzir textos a serem usados em situações específicas de interação comunicativa para produzir efeitos(s) de sentido pretendido(s).

A partir dos pressupostos da educação linguística, o professor passa a respeitar as manifestações linguísticas e culturais do aluno, apre-

sentando os diversos usos da língua. Para Castilho (2011), essa concepção direciona-se a reflexão da língua como atividade em funcionamento e não somente como estrutura.

Considerando as contribuições da educação linguística e da prática interdisciplinar, o professor deve pautar o seu trabalho respeitando o saber linguístico próprio de cada aluno, a fim de garantir competências e habilidade linguísticas necessárias à vida social, ampliando, enriquecendo e variando sua capacidade linguística.

Fiorin (2013) destaca que, em se tratando de língua materna é essencial que o trabalho do professor em sala de aula seja pautado em:

- a) Fomentar a ampliação da visão de alcance da língua nos planos regional e social;
- b) Promover o reconhecimento e legitimidade dos dialetos do português brasileiro;
- c) Reconhecer a língua como instrumento de interação social;
- d) Levar o aluno a pensar sobre a própria língua; e
- e) Identificar na língua as diferenças refletidas do povo que a utiliza.

Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem a abordagem a ser realizada não é a do erro, mas a da utilização adequada da linguagem de acordo com a situação. Além disso, a educação linguística pressupõe que a formação do professor dos anos iniciais aborde o conceito e as questões de gramática considerando o que aluno já traz consigo quando chega à escola: o conhecimento internalizado sobre a língua em uso.

Concordamos com Fazenda ao mencionar que interdisciplinaridade constitui-se como uma possibilidade reconduzir a educação a sua principal função de formadora do cidadão. Devolvendo ao docente a dignidade de cidadão possui a capacidade de agir e decidir. Isto acontece, uma vez que as suas ações vão de encontro às novas ideias teóricas: “Sediando seu saber, o educador pode explicar, legitimar, negar e modificar a ação do Estado, condicionando sua ação aos impasses da sociedade contemporânea” (FAZENDA 2003, p. 65).

5. *Palavras finais*

Vimos que a perspectiva baseada na prática interdisciplinar traz benefícios para a educação como um todo, enquanto princípio epistemológico e metodológico. Isto acontece, pois temos a possibilidade de avanço na produção de conhecimento, até mesmo pelo fato da interdisciplinaridade explorar diversos caminhos a serem ensinados e aprendidos.

Ainda, podemos considerar que a prática pedagógica é um espaço de reflexão e ação interdisciplinares e está diretamente ligada com a ideia do homem como ser inacabado sempre em busca do aprendido.

Neste sentido, um ensino de língua materna baseado nas ideias positivistas torna-se inadequado, pois dá lugar ao espaço de visão unilateral, linear e fragmentado do processo ensino e aprendizagem.

Assim, acreditamos que a inovação pedagógica na escola implica uma adequada formação e atualização de seus professores visando ao trabalho com práticas interdisciplinares. No que tange as práticas pedagógicas no ensino de língua materna, nossas reflexões vão de encontro com a perspectiva interdisciplinar que abrange a adoção dos princípios da educação linguística, de estudos da sociedade, da psicologia, dentre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Gramática do português falado*, vol. II. Níveis de análise linguística. Campinas: UNICAMP, 1992.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2012.

FAZENDA, Ivani (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus. 2003.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística II*. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Linguagem: interdisciplinaridade*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v10n1/v10n1a03.pdf>>. Acesso em: 02-10-2014.

_____. (Org.) *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013.

JAPIASSU, Hilton. A questão da interdisciplinaridade. In: _____. *Signos*. Lajeado: FATES, 1995, p. 7-12.

LUQUETTI, Eliana Crispim França; MOURA, Sérgio Arruda de. Políticas linguísticas na escola: a conscientização linguística na formação do professor. In: PEIXOTO, Maria Cristina; AZEVEDO, Leny. ANDRADE, Marcelo. (Orgs.). *Formação de professores: percursos investigativos no cotidiano escolar*. Montes Claros: Unimontes, 2010, p. 151-166.

MORATO, Edwiges Maria. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 71, jul.2000.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad.: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho. *A educação linguística e a formação de professores*. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/38/artigo12.pdf>>. Acesso em: 06-11-2013.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.